

# DESPERTAR!

João Miranda  
Domingos Ferreira

Barcellos  
DIRECTOR E PROPRIETARIO

Pela Verdade, pela Justiça, pela Liberdade

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Campo D. Manoel II, n.º 18-1.º — BARCELLOS

N.º 12 — Fevereiro de 1910 — 1.º Anno

COMPOSTO E IMPRESSO NA TYP. MINERVA-FAMALICÃO

Questões urgentes

## Reforma eleitoral

Não é apenas demolidora a função que pretendemos exercer no seio da sociedade portugueza.

Uma outra missão nos incumbê como consequencia necessaria do vulgar preceito *não basta demolir é preciso construir* — qual seja a de criar uma corrente de opinião favoravel aos principios que desejamos ver expressos nas resoluções dos varios problemas sociaes, alguns considerados questões urgentes. Iniciamos assim uma nova phase de politica constructiva. Edificaremos, portanto, vulgarizando ideias

E' claro que não vamos apresentar aos nossos leitores trabalhos originaes e soluções até hoje desconhecidas. Falta-nos a competencia do jurisconsulto e a invergadura de estadista para podermos produzir novidades sobre qualquer assumpto.

Exercemos apenas o papel de vulgarizadores, inculcando principios e popularizando ideias que consideramos mais em harmonia com as condições sociaes da epocha e mais conformes á verdade scientifica. Não será, pois, para admirar que em quasi tudo partilhemos as doutrinas do partido republicano, provado, como está, que é este o unico agrupamento politico que avança na vanguarda do progresso e acompanha as necessidades do meio no evolutir dos seus principios.

Isto independentemente de quaesquer compromissos partidarios e com a mais absoluta liberdade de acção.

A primeira questão urgente a resolver dentro do actual regimen é, segundo a opinião unanime, a *Reforma Eleitoral*.

D'ella, dizem, se está occupando o actual ministerio

em termos que o paiz quasi por completo ignora; e desta mesma questão se occuparam já os partidos — dissidente e republicano, expondo publicamente as bases sobre as quaes deve assentar a projectada reforma. Por nossa parte concordamos plenamente com o plano do partido republicano, que reclama uma nova lei eleitoral, orientada pelos seguintes principios.

- Suffragio universal.
- Garantias do eleitorado
- Representação proporcional.

Com effeito a estes principios deve attender a reforma que o ministerio progressista projecta.

O *suffragio universal* é a expressão completa e insophismavel da igualdade politica. Todos os outros systemas, mormente o actual, são restricções absurdas do direito de voto e tiram por consequencia a uma parte dos cidadãos — talvez a maior — a sagrada prerogativa de se pronunciarem sobre os negocios publicos.

O *suffragio universal* é, como muito bem diz o socialista Georges Renard, ao mesmo tempo mais equitativo e racional do que os systemas aristocraticos que escolhem a dedo os eleitores.

Adopta-o a França, a Suissa, a imperial Alemanha, (em alguns estados e em outros, como na Prussia, reclama-se actualmente a adopção do systema) a reaccionaria Espanha e a atrasada Grecia.

A experiencia tem imposto a excellencia deste regimen que resulta evidente se compararmos uma eleição destes paizes com uma dos que adoptam o systema eleitoral restrictivo a quem não cabe a vantagem sobre os primeiros.

A intriga — na opinião de Trindade Coelho — a corrupção, a cabála, são muito mais faceis de manejar num

corpo eleitoral restricto do que num corpo eleitoral mais numeroso.

Todo o cidadão deve ser eleitor, todos devem poder tornar conhecida a sua vontade, visto que todos tem igual direito a participar da gerencia dos interesses comuns.

As *garantias do eleitorado* asseguram a genuidade do suffragio universal. Resumem-se em bem pouco perfeição e seriedade no recenseamento dos eleitores; sinceridade do acto eleitoral.

A perfectibilidade do recenseamento, redusindo ao minimo o processo para prova de capacidade eleitoral de modo que as auctoridades não possam sob qualquer pretexto demorar o andamento dessa formalidade legal, acabará com a triste situação da qualidade de eleitor dependente do arbitrio e facciosismo das auctoridades, sempre dispostas a illudir e sofismar as leis.

A seriedade do recenseamento obter-se ha entregando a sua organização ao poder judicial.

O principio geral para a inscripção do recenseamento eleitoral, escrevia o dr. João de Menezes na *Lucta*, de 31 de maio de 1906, devia ser este: Além dos que forem inscriptos em virtude de informações officiaes dos parrochos, regedores e escrivães de fazenda, seriam igualmente inscriptos os que apresentassem o seu requerimento, assignado tambem por duas testemunhas, devidamente reconhecidas as assignaturas e acompanhado dos documentos que a lei especificaria.

E todas as reclamações junto do poder judicial — acrescenta o distincto jornalista — seriam discutidas e julgadas em audiência publica, ouvindo-se os interessados e suas opiniões.

A sinceridade do acto eleitoral, de modo que a eleição não seja, como até agora

uma mentira, abundante de chapeladas e falcatruas, livrar-nos-ha do dominio dos caciques e libertará as multidões do jugo de mandões ignorantes e desmoralizados que durante o periodo da campanha eleitoral não cessam de lisongear e cortejar a *vil canalha*. Obter-se-ha a sinceridade do acto entregando as operações da eleição ao poder judicial, além de outras providencias que o partido dissidente preconisa na alinea das suas bases para a reforma eleitoral.

«... o depositivo de isolamento, a multiplicação de secções de voto, a feitura de listas em papel com marca official da mesma côr e formato, o direito de representação nas mesas eleitoraes de procuradores dos respectivos candidatos.»

Sem estas garantias o suffragio universal será inutil e as eleições uma mentira.

A *representação proporcional* é a imagem unica fiel e verdadeira da sociedade.

E' o processo que assegura a todos os partidos e opiniões a sua intervenção, pelos deputados, na assemblêa legislativa. E' a verdade no systema representativo, reflectido na composição das assembleas legislativas a divisão do corpo eleitoral, as variadas correntes da opinião publica.

E' a justiça na delegação das funções que a sociedade em massa não pôde desempenhar.

Mas não tem sido esta entre nós a orientação da politica. Nos systemas eleitoraes domina a lei da maioria; a urna não elege, decide; e em contraste com o preceito fundamental da democracia moderna *todo o cidadão que não é eleitor tem o direito a ser representado* — a uma com um irrefutavel fanatismo apenas determina quaes eleitores hão de ser representados e quaes o não hão de ser.

Impõe-se portanto o sys-

tema representativo proporcional, cuja legitimidade um exemplo simples e claro torna evidente.

«Um circulo — escrevia o dr. João de Menezes no jornal *A Lucta* de 27 de fevereiro de 1907 — elege 16 deputados e as candidaturas são disputadas por tres partidos, monarchico, republicano e socialista; a lista monarchica obtem 7.000 votos, a republicana 6.000 a socialista 3.000. Qual deveria ser a representação d'esses partidos proporcionalmente ás suas forças? Os monarchicos teriam 7 deputados os republicanos 6 os socialistas 3.»

E' a lei da proporcionalidade que a eleição deve satisfazer porque só assim traduzirá os interesses e opiniões em lucta.

A representação politica, diz o grande jurisconsulto Antonio Candido, deve ser proporcional.

Não satisfazendo a esta condição, accrescenta o notavel orador, é uma falsidade e é um perigo.

## Chronica do mez

O primeiro dever a cumprir ao iniciar esta despresticiosa secção é saudar os leitores e corpo redactorial do *Despertar!* a todos desejando sempre Paz e Liberdade.

São necessarias duas palavras preambulares que expliquem a indole e fins de esta chronica.

O objectivo em vista — e para a realisação do qual empregarei o melhor da minha boa vontade — é registrar nella os acontecimentos mais palpitantes do mez, já de interesse local como de interesse geral e com palavras sempre sinceras e quanto possivel simples, commenta-l'os, fazer-lhe as considerações que em minha consciencia julgar justas e que saídas do mais intimo da alma, não deixarão nunca de ser conformes com os mais alevantados e nobres principios de Justiça, Liberdade e Equidade.

Dito isto — depois de já conhecida a orientação de esta folha — escusado será fazer uma mais larga exposição de ideias.

Comtudo o que desejamos frizar bem é que para os humildes é que nós escreve-

mos e a elles nos dirigimos mais em especial por que elles — na ignorancia em que jazem e a que são condemnados pelos nossos governantes — são quem mais necessita de uma instrucção salutar que lhes vá insuflando no espirito as modernas ideias que devem orientar os homens.

Essa instrucção tem de receber-l'a em grande parte da Imprensa que a essa nobre missão se proponha, já que lhes não é licito esperar-l'a das poucas escolas que o estado ou iniciativa particular lhes franqueia, pois que o ensino d'essas, numa esmagadora maioria ou até na sua quasi totalidade é um ensino convencional, saturado dos mais nocivos preconceitos sociaes e religiosos.

Ahi só pôde aprender-se o que aos poderes publicos convém que o povo saiba: amar e servir até ao sacrificio da propria vida um homem que o destino collocou entre milhões de outros como seu chefe; adorar um ente imaginario a quem tolamente se attribue a criação do mundo; crer em todas as superstições que a fertil imaginação d'um louco creou etc.

Só esta instrucção, de tão perniciosos effeitos é que pode receber-se nessas escolas.

Contrapôr se-lhe com as suas sãs doutrinas e nobres ideias tem sido a missão do *Despertar!* e para elle, dentro dos meus minguadissimos recursos concorrerei eu tambem com esta insignificante secção.

\* \* \*

Passou o carnaval, frivolo e desanimado, como de costume cá neste pequeno burgo, o que, tambem só attesta o bom senso dos barcellenses.

Eu creio que o espirito de tão grotescas festas è querer convencer as almas ingenuas de que só nesta época do anno os homens se mascaram.

Puro engano...

Mascarada anda permanentemente esta sociedade viciadissima, em que vivemos; — mascarada nestes trez dias, mostrando se aquillo que não é — e mascarada nos restantes trezentos e sessenta e dois de cada anno, não se mostrando aquillo que é.

A differença é só essa e bem insignificante.

Em dezenas de contos de réis se pôde calcular o dispendio inutil em Portugal nestas folias com que os tolos se divertem.

Num paiz de miseria como o nosso, onde a fome lavra em todos os cantos, quanta caridade se poderia exercer com esse dinheiro!

Não seria bem mais aproveitavel tal applicação?

Só o não reconhece aquelle que não sente nem comprehendendo as desgraças alheias, aquelle que não conhece a satisfação suprema, o jublilo intimo de quem tem á consciencia de ter cumprido um dever, mitigando dores e sofrimentos d'outrem.

Ninguem.

## Cocegas

### Palestra Agricola

«Sabemos que a confraria do Senhor dos Passos de Cabreiros officiou ao ex.<sup>m</sup> sr. dr. Martins Lima, presidente nato d'estas palestras de propaganda agricola, pedindo uma palestra n'aquella freguezia do concelho de Braga.»

(Da «Folha da Manhã» n.º 1.586 de 20 de janeiro de 1910).

A confraria está tola,  
Senhor dos Passos! Que asneira!  
Depois da cruz de madeira  
Querem dar-te a da cebola?!

\*

Protesta já, não te encolhas,  
Pois vão-se te os rendimentos  
P'ra certos pós fedorentos,  
Do trevo de quatro folhas!

\*

Acaba-se te o prestigio,  
A procissao, os anjinhos,  
Tiram-te a cr'oa d'espinhos,  
E dão-te o barrete phrygio.

Benebruto.

### Carta de uma beata de Braga para uma beata de Barcellos

#### Minha menina:

A sua cartinha foi aberta e lida por mim, em vez de o ser pela minha sobrinha, a quem era dirigida.

Sobrinha, sim, minha menina, porque a nós, verdadeiras servas de Deus, não nos compete tirar as honras da maternidade a nossa irmã, a igreja, com quem os seus ministros se dizem casados.

O seu director espiritual preferiu entregar a sua cartinha á nossa creada, em vez de a entregar á minha sobrinha, motivo por que ella me veio ter ás mãos, o que me parece ter sido uma

felicidade para ambas. Para si, por lhe poder dizer que os ares saturados de balsamos, que diz respirar quando está junto do seu director espiritual, lhe pôdem ser perigosos, para ella, por a poder precaver dos perigos que de tal convivencia lhe pôdem advir. Por estas e por outras coisas, de que não soube evitar os escolhos, balsamos gerei eu, não dos que engrenam os ares, mas dos que dizem curar frieiras. E que balsamos, minha menina! Diz o seu auctor que são celestes, e o auctor do seu auctor, confirma-o nos seus escriptos.

Eu nunca vi, nunca esperei ver tamanha desfaçatez!

A republica, minha menina, que tanto parece assustal-a e que em tempos tanto tambem a mim me amedrontou, não é o que nos dizem os hypocritas que vivem á sombra da religião e do actual regimem; mas tambem é preciso que fique sabendo que não é o ideal que os seus sectarios nos pintam.

Pôde e deve trazer melhores dias senão para nós, para as gerações que nos seguirem, porque a corrupção no nosso meio é grande e muito ha que depurar. E' preciso esmagar muita ambição e aniquilar muitas fraquezas que hoje nos parecem forças. Depois, sim, ha-de ter os seus tempos aureos, como já o tiveram as monarchias, para entrar na justa e bemvinda decadencia, a que hão-de chegar todas as fórmias de governo.

Mas ahi vou eu como o poeta: — longe do mote, longe do sentido.

A terra que a menina pisa, tambem eu a pisei em creança e a ella tenho ligadas as mais gratas e as mais tristes recordações da minha infancia.

Conheço muito bem, como deve ter deprehendido do principio d'esta carta, o sr. P.º Pancrácio. Conheci todas as pessoas a que elle nos seus escriptos se costuma referir e muitas outras a que elle por odio ou vergonha, costuma fazer referencias, omittindo-lhes os nomes. Mas, para que mexer em coisas velhas? Vamos ás novas ás novinhas, e verá, minha amiguinha, como eu ando em dia com tudo que nessa terra se passa.

Só agora reparo que esta carta vae longa. E' tão agra-

davel recordar o passado com todas as suas amarguras!

Das coisas novas, tratará, se lhe fôr agradável, em cartas que ulteriormente venha a escrever-lhe, a sua

Velha amiga  
Seraphina.

## Diz-se

Que se não imagina a fórma pouco attenciosa como é tratado pelos seus collegas de redacção o director d'um jornal local.

— Que essa pouca attenção provém de algumas verdades amargas que o *Sardão* disse ao referido director.

— Que este em vista d'isto, manifesta desejos de abandonar o jornalismo, entregando-se de novo ao *livro*.

— Que um dos redactores, por signal o mais pretençioso, achando optima a resolução, convidou para a direcção da *lamparina* um *visinho* bacharel.

— Que este não aceitará por as suas ideias não se coadunarem com as dos reaccionarios redactores.

— Que tudo brevemente se verá, quando a *lamparina* completar um anno de existencia.

— Que tem dado assumpto para muitas conversas, diversos escriptos do ultimo numero do *Despertar!*

— Que um d'elles — as *carapuças* — traz muita gente intrincada, pois todos, em parte, se julgam com o direito de a *enterrar*.

— Que se tem realizado conferencias nocturnas entre monarchicos e *espíritos avançados*.

— Que em breve virá a lume a causa d'ellas, cujo fim já prevemos.

## Carapuças

XI

E' um pygmeu com a mania de um gigante.

Mette-me nojo. Não lhe talho a carapuça.

Pegue lá n'essas cuecas que vão sujas do *sabão* com que certo barbeiro se gaba de lhe ter untado a cara.

Bem, bem... estou com vomitos.

Zef.

## Excerto de um sermão

XII

### OS FRADINHOS

Sabeis quem são os *fradinhos*?

Os *fradinhos*, como lhes chama o povo fanatisado, são uns jesuitões, quasi sempre hespanhoes, que se intromettem em qualquer freguezia, em casa de qualquer beata, e, a consentimento vergonhoso e deshonoroso do padre, passam uma temporada fazendo a intrujice chamada *Missões* que lhe garante um bom passadio e os melhores presentes do pobre lavrador.

Estes *redemptoristas*, segundo me consta, estão actualmente na freguezia de S. Fins, para onde, ao domingo, o povo das freguezias visinhas corre na ancia de ouvir a sua palavra *santa*.

Que elles não têm vergonha é já coisa sabida; mas que haja padre que tambem a não tenha e faça o papel humilhante, ridiculo e vexatorio, de os admitir na sua freguezia, é que para mim é novidade!

Sim, meus amigos. O povo é ignorante e facilmente se deixa levar por qualquer safardana, por qualquer roupeta, por qualquer besta de saias que lhe falle em Nosso Senhor; mas o padre, o padre que não é ignorante que se quizer ser padre tem que ser honrado, carinhoso e bom, deve, tem por obrigação e por nobreza dos seus sentimentos, não consentir o seu desprestigio, nem o demoralizador fanatismo do povo da sua freguezia.

Que é então o padre? Para que serve o padre na freguezia se é preciso que essas manhosas alimarias, com ares de santos, venham lançar-lhe o insulto de o julgar insufficiente para divulgar as doutrinas de Christo cerceando-lhe os seus direitos? Poderá haver padre tão ingenuo que se deixe levar pelas cantigas d'estas *toupeiras*? Não o creio.

O dever do padre é correl-os quando elles se avisinhem da sua freguezia e se intromettam nos seus deveres e se elles são ousados, correl-os a pontapé que em vez de profanar, santifica as biqueiras e as fivellas dos seus sapatos.

Christo correu a chicote os vendilhões do templo, aos padres compete tambem correr com um marmelleiro estes vendilhões ambulantes pondo até o seu povo em pé de guerra, em montaria igual de chuços e

carabinas como se faz ao lobo quando tenta roubar uma ovelha do rebanho, se tanto fôr preciso.

Padres: é isto o que se vos impõe se quereis cumprir as vossas doutrinas e se vos prezaes de ter caracter e honradez.

Frei Ignacio.

## Casos e Rumores

### Por causa das offensas

Dizem os jornaes que a vinte de maio se realizará uma peregrinação ao Sameiro, em desagravo á Immaculada Conceição, pelas offensas que nos jornaes de Lisboa lhe tem sido dirigidas.

E' interessante e curiosissimo.

Estamos possuidos de grande contentamento por não nos chegar pela pelle.

A *coisa*, é só com os de Lisboa...

### Publicar quintilhas e apreciar quadras

*Barcellos Revista*, jornal local, publica no seu n.º 22 umas quintilhas extrahidas do livro *Luar de Janeiro* de que é auctor o suavissimo poeta Augusto Gil, fazendo uma apreciação ás suas quadras.

Se publicasse sextilhas talvez que a apreciação fosse ás quintilhas agora publicadas.

### Consentir para ser honrado

Na *Primeiro de Janeiro* de ha poucos dias, vinha um communicado de certo individuo, contra um certo padre por o ter apanhado em flagrante expansão com a sua cara metade.

Não se exalte o caro amigo e faça como um seu *collega* d'aqui, que, dizendo-se-lhe que a mulher mette em sua casa, de noite, um padre bem conhecido, responde que se ella faz isso é com o seu consentimento.

Assim tudo está bem e evitam-se desgraças...

### Christo á moderna

N'este canto da provincia minhota o martyr do Gólgoto soffreu uma metamorphose.

Eil o, na estrada que segue para a estação do caminho de ferro, de rosto rapado, imberbe.

Aquellas barbas, que prenderam a sensual Magdalena, mãos irreverentes cortaram-as; e o Apostolo d'uma causa hoje deturpada pelos

seus representantes, surgenos num Christo janota.

Falta-lhe alguma coisa:— um monoculo entallado na orbita, e o grande revolucionario que em tempos remotos pugnou pelo Bem da Humanidade tornar-se-ha num *Senhor dernier cri*.

## Aos jesuitas

O revoltoso caso que nos impelle cheios de indignação a escrever contra vós mais estes linguados, é o de terdes fanatisado, ou antes endoidecido na freguezia do Tamel S. Fins um pobre e ignorante lavrador chamado Antonio da Lage, que não soube precaver-se contra vós, almas de lodo, consciencias de granito, e está agora com a monomania religiosa não fazendo mais que rezar e bater no pelto.

São estes os fructos das vossas missões, hypocritas tartufos que andaes a espalhar a desgraça com o ar humilde de santos, levando a desordem onde ha paz e harmonia.

Não bastava a vida trabalhosa e pouco remuneradora do lavrador, para sua afflicção, era preciso que vós, malandros sacripantas, o viesseis ainda roubar com a vossa hospedagem e endolcer com as vossas falsas doutrinas.

O que dizem, para vós, nada é, porque estaes já tão habituados a ouvir-o e tendes tamanha desfaçatez, tamanho cynismo, que nada ha que em vós promova o sentimento honrado de ter vergorha.

Honradez! Para vós honradez é uma utupla, ter vergonha, um irrisorio preconceito.

Astutos velhacos, a quem o insulto nada faz, as vossas obras santas, como esta a que nos referimos, só poderão ser recompensadas pela bocca das carabinas ou por outro qualquer radical exterminio.

Contaes mais uma victima na vossa repugnante historia, mas tendes mais escavada a vossa mentirosa base pelo odio que contra vós cresce.

Cada victima que fazeis cria para vós milhares de inimigos, inimigos que um dia saberão vingar todos os males, todas as desgraças, todas as desventuras por vós produzidas.

Ficac-vos miseraveis histriões.

O habito que vestis ha-de um dia ser-vos tão pesado e tão ardente que as vossas pernas vergarão ao pezo do remorso e a vossa pelle se crestará aos ratos da Verdade.

## Coisas passadas

(REMINISCENCIAS)

Manhã de nevoeiro, como essa em que o moço D. Sebastião nos ha-de apparecer, vindo dos africanos campos de Alcaer Kibir.

Manhã humida e fria, quasi chuvosa, de uma tristeza que nem o explodir do dynamite no brumoso espaço consegue desvanecer.

Rostos aborrecidos de quem foi interrompido no seu somno pelo selvagem estampido dos foguetes, e caras mal lavadas de quem accordou tarde e se arranjou á pressa, para se ir incorporar na solemne procissão já formada, que ha-de subir a encosta rustica do monte, onde se disfruta um bello panorama, para alli no seu cimo, fanaticamente, entoar cantos á Virgem.

A pura ignorancia, qual rebanho inconsciente, sob as ordens da velha caria manhosa, escuta de bocca aberta um caudilho que em ar accentuadamente cinico, entre uma japoneira e um arbusto de linda flor vermelha, solta um aranzel de histrião, de gestos comicos, rematado ridiculamente por uns vivas, vivas verdadeiros disparates:

Viva a Santissima Virgem!

(Quando damos um viva a alguem, é porque desejamos a esse alguem, saude, longa vida ect; ora dar vivas á Virgem que, segundo se crê, é immorttal, é desfazer essa crença, duvidar da sua santidade e além d'isso uma prova de estupidez).

Depois de este numero, não annuciado no programma, poz-se em marcha a sinistra procissão levando á frente o que de mais precioso e importante em brilho e ostentação vaidosa se tem visto em Barcellos desde os saudosos tempos do nosso sempre chorado e infeliz thalassico João Franco. Que vergonha!

Um diabinho negro, um diabinho endiabrado, berrando e gesticulando como um doído, fazia a sua parte muito porca e com bem pouca religiosidade. Outro, com ares seraphicos, commandava um destacamento de sadias e appetitosas mocollas, com um traje de asyladas sob o qual batiam, talvez amorosamente apressados, os seus corações, saudosos por naquella dia não poderem fallar por sobre o muro do eirado aos seus Maneis adorados. Pobre mocidade!

Um velho, com ar resignado,

um tanto tropego, caminhava a custo entre dois carrancudos espertalhões do mesmo exercito. Christo entre o bom e o mau ladrão.

E... lá foi desfilando, desfilando por entre a densa nevoa, até se perder de vista.

Parece que se respira melhor nas ruas da villa! O sol, ridente, aparece-nos com uma cara de quem se gaba de ter pregado um grande susto, uma boa partida!

Qual energico desinfectante, aquelle enterro... de frangos e cabritos, pareceu livrar-nos de tudo o que havia de mau, sentindo-se uma certa liberdade e bem estar.

Ao longe estrealham os foguetes. Sente-se calma identica á experimentada após tufões violentos.

E' noite. Velhos de rosto congestionado, amparados pelas filhas, regressam a casa.

Em carros de bois vêm bolouçando pipas vaslas.

Uma muzica, já no auge da desafinação, passa rua acima.

Em largos zig-zags, o André, o inofensivo e pobre André, passa cantando: Avé... Avé... Avé Maria!...

Coitado. Fechemos as portas.

Eneas.

## Os Mendanhas

O sr. de Mendanha, filho de outro Mendanha, neto e bisneto de Mendanhas, sobrinho e primo de Mendanhas, viveu nesta mui Nobre e Antiga Villa de Barcellos, onde presidiu a uma corporação de Mendanhas que deixou, para attestar á posteridade a sua mendanhice, um *amendanhado* edificio improprio, em todos os tempos, para os fins a que aquella *mendanhissima* corporação o destinou.

Ora dá-se o caso qua outro Senhor de Mendanha, remendado de Gama, Gouveia, Gayo e Gajo, actual presidente da mesma corporação de Mendanhas, remendado de Carneiros, tem tudo mais que prompto para levar a efeito a construção de outro *amentanhado* edificio, em tudo identico ao primeiro e a identicos fins destinado. Consta por ahi, á bocca pequena, que o figurado da pedraria, caixilhos, vidros e tintas, *principalmente estas*, e a telha, são coevas das dos Mendanhas.

Uma idela, srs. Mendanhas; conservem para melhor destino o dinheiro dos pobres e façam essas *mendinhices* á sua custa.

## CAMPANHA IGNOBIL

Com aquella prosa já muito conhecida, mas que a ninguém illude, pretende o *Comercio de Barcellos* no seu n.º 1038 de 22 do mez passado, em tres columnas, envolver, no tam conhecido caso do roubo de cartuchame e no crime de Cascaes, o partido republicano, tentando ao mesmo tempo convencer os seus leitores que este partido se encontra esfacelado.

A imprensa republicana já declarou que o partido nenhuma interferencia tinha nesse caso, porém o *Comercio*, por *lealdade ás instituições*, faz-se desconhecido daquella declaração e tem o arrojo de inserir nas suas columnas afirmações tam incorrectas e tam faltas de razão, como as do *descalabro do partido republicano*.

Se nelle estão implicados alguns individuos filiados no partido republicano, isso não admira desde que se sabe ser Lisboa accentuadamente republicana, mas d'ahi não se conclue que esse partido seja responsavel por actos praticados pelos seus correigionarios; porém é revoltante que o articulista, não comprehendendo a alta missão do jornalista, fassa, propositadamente, sem provas, *absolutamente* nenhuma, uma campanha ignobil, como esta.

Sem grande esforço e sem gastar quasi nenhuma logica podiamos refutar todos os pontos do escripto; porém como não estamos filiados em nenhum partido, nem tam pouco temos compromissos partidarios de qualquer ordem, saímos á estacada simplesmente por vermos, sem escrúpulo nenhum, delatpar a verdade.

E para terminar, sempre diremos que não comprehendemos como a imprensa progressista ataca o partido republicano, quando os actos deste partido têm sido sempre sinceros e patrioticos, fazendo sempre propaganda pela instrução, pela liberdade de discussão, de ensino e de trabalho, pela supressão de impostos, nunca cooperando em operações monstruosas, como a do emprestimo dos caminhos de ferro, ou em outras, tam ou mais illegaes e illegitimos como esta.

E dissemos ser incompre-

hensivel essa campanha, pois recorda-nos bem—se elle foi ha tão pouco tempo!—de o partido progressista achar muito justa e muito legitima a acção do partido republicano dentro do paiz, tanto que o *Correio da Noite*, órgão official dos progressistas, escrevia o seguinte:

«... Olhamos para os adversarios da monarchia e dolorosamente reconhecemos que os factos se encarregam de dar-lhe razão.

Olhamos para os republicanos, e a nós mesmos; á nossa consciencia perguntamos se sam elles ue tem razão, combatendo os processos da monarchia que pretende voltar aos velhos tempos do absolutismo, ou somos nós, empenhados na defeza desse regimen...»

Nunca tão a proposito veio a leitura do *Correio da Noite*...

## A castidade duma religiosa

O Tribunal de Bruxellas (Belgica) está tratando dum caso de infanticidio ou de supressão de creança dos mais delicados.

Uma religiosa de 28 annos do hospicio de S. André, é accusada de ter dado á luz clandestinamente e de ter deitado o filho numa sentina.

Quando o pequeno cadaver foi encontrado, a religiosa confessou o crime a varias pessoas do hospicio e partiu para Paris. O sr. Granger Joly de Bolnelle, juiz de instrução lavrou um despacho contra ella, e ordenou a autopsia do cadaver.

## Males sociaes

### A policia

O que é a policia? A auctoridade é a ordem? Não. E' a desordem, a infancia, o assassinio. E' a besta fera, que em nome da lei, acutila cidadãos indefesos, conspurcar consciencias e caracteres dignos.

E' a besta fera, que em nome da lei covardemente assassina em impetos leoninos, sedenta de sangue, os individuos, que encontra ao alcance da sua furia insaciavel. E' a besta fera, que cumpre e mantém a lei a golpes de sabre e a tiros de revolver. E' o assassino, que em vez de manejar agudo punhal, brande o sabre, navalha de ponta e mola da auctoridade, que em troca do seu heroismo e coragem lhe faz pender do peito as insignias da Torre e Espada.

Octavio.